

A indústria, sem grandes mudanças

As perspectivas para a indústria em 1982, segundo os índices conjunturais da Fiesp, de janeiro de 82, não serão muito diferentes das conseguidas no final do ano passado. Os índices divulgados (-7,9 de pessoal ocupado; -13,3 de horas trabalhadas na produção; -10,3 de vendas reais e -9,7 de indicador de nível de atividades) mostram que a simples mudança do calendário gregoriano não foi suficiente para demonstrar sinais convincentes na indústria de transformação paulista.

Segundo a Fiesp, ao se analisar as perspectivas da economia brasileira para 1982 é preciso

lembrar que os resultados obtidos ainda não são suficientes para adaptar nossa economia à nova conjuntura internacional. Na verdade, o processo de ajustamento, sobretudo do parque industrial, deverá prolongar-se alguns anos até tornar possível uma retomada vigorosa de crescimento.

Assim, o Departamento de Economia da Fiesp considera que não se deve esperar grandes mudanças na política econômica do governo para este ano, mesmo porque um aquecimento muito forte da economia poderia comprometer os resultados já obtidos. A política econômi-

ca adotada pelo governo em 81 foi dirigida no sentido de ajustar a economia brasileira ao chamado segundo choque externo do petróleo e às altas taxas de juros do mercado internacional. No entanto, se os resultados de 1981 não foram suficientes para uma total readaptação da economia brasileira, criaram condições para que se processasse algum impulso nas atividades de 1982. Em outras palavras, a Fiesp acredita que a economia deverá apresentar resultados mais favoráveis este ano.

Segundo os seus cálculos, este crescimento ficará entre 4 e 6%, uma

vez que haverá espaço para o crescimento das importações, sem onerar as contas externas. O crescimento industrial continuará dependendo da política de juros reais que vier a ser praticada e será feita muito mais via utilização da capacidade ociosa do que através da expansão do investimento.

Dentro da análise das perspectivas econômicas para a indústria, neste ano, a Fiesp considera que vale a pena destacar que o possível crescimento de 5% da indústria, em 82, não será suficiente para repor os níveis de produção atingidos em 80, dada a redução de cerca de 8%

que será observada na produção industrial em 82.

Da mesma forma, a Fiesp considera que a provável expansão deste ano não permitirá recuperar o nível médio de emprego industrial de 1980 e, muito menos, portanto, engajar os novos contingentes populacionais que ingressam atualmente no mercado de trabalho. O documento da Fiesp salienta ainda "o rápido processo de descapitalização por que passa a indústria nacional, como consequência dos elevados custos financeiros. Este processo ainda não se reflete nas estatísticas de falências e concordatas, em função dos bons

resultados obtidos pelo setor industrial em 80, mas, não restam dúvidas de que a manutenção das taxas reais de juros, nos patamares atualmente observados, condenará uma série de empresas ao encerramento de suas atividades. Além disso, nenhuma política industrial pode ser considerada viável em um país no qual as taxas de juros vigentes são duas a cinco vezes superiores às praticadas por seus parceiros comerciais. Estes níveis não só inibirão qualquer iniciativa de investimento como representarão a própria insolvência do parque industrial brasileiro" — conclui o documento.